

## O quadro de Estela

Edmon Neto de Oliveira<sup>1</sup>

Estela diz: Por que Manotop?

Manotop diz: pq eu sou mano, saca? Mano top, ta ligado?!

### **Festival de Gramado 2003, show do Oswaldo Montenegro**

*Homem golpeia mulher com facadas. Laudo diz que caso é grave.*

Duas mil setecentas e três mensagens na caixa de entrada. A indisciplina virtual de Estela chegou ao ponto de deixá-la a beira de uma paralisia nas mãos, que agora sofrem pelo desempenho frente ao teclado alienígena. Somam-se a isso os movimentos tortos na cadeira, a má postura, a indisposição de cumprir as exigências de um cotidiano de policiamento pela culatra: ela aponta a arma para o seu dia, mas tudo vaza ao seu encontro. Enquanto queima populações de mensagens de erro, cavalos de tróia e mapas astrais há semanas rejeitados, ela toma ciência de que está realmente só, armada com a única convicção de que a qualquer momento pode cair em sobressalto. Na página principal de sua conta, Estela mantém, indeletáveis, dezenas de mensagens de alguém que loga como Manotop, cuja escrita deixaria sonâmbulos filólogos, gramáticos, peripatéticos e tarados da poética moderna e, sim, já deixou angustiada essa professora, que teve como primeiro estranhamento nessa relação amorosa, a decepção ortográfica. Entretanto, nada impede que, às quintas, enquanto Pedro e Luiza praticam o verbo nadar em aulas humanistas de violão e pintura, ao mesmo tempo em que seu marido debulha notas promissórias, xeques, contra-xeques e atitudes empreendedoras, ela saia para dar aula no dia em que seu nome não aparece na planilha da coordenadora pedagógica e que, mesmo assim, Estela arruma-se como se fosse a propósito de lecionar em turma que dá gosto, quando então parte com Manotop rumo a escola com letreiros de neon,

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora

sauna e teto espelhado. Costumam não conversar, praticam em linguagem muda e inefável o que todos já sabemos.

Estela perde-se em conjeturas quando revê as primeiras mensagens trocadas com o jovem, a reserva no hotel em João Pessoa para aquele congresso sem diploma, o terror repentino de abrir um e-mail do marido, o qual diz: *Tenha um bom dia, meu amor*, ignorado há meses, mas sem ter deixado de fazer efeito destroçante nas ideias da mulher, o que talvez fosse diferente caso o bilhete fosse lido no dia em que fora enviado. Ela vislumbra levar ao fim irrevogável a aventura de ter outro homem, por isso está disposta a fechar esse ciclo; se for preciso, pela mesma via em que o começou: sala de bate papo, pseudônimos, endereço de e-mail e finalidades. Para isso, basta redigir um texto polido, frio e objetivo, coisa que Estela sabe fazer muito bem, pois carrega alguma prática dos tempos de faculdade, aqueles que foram encobertos pelo desgaste da licenciatura, pelo peso de educar dois filhos, pelo marido, pela empregada e por Manotop, pacote completo que a fez tender para a hostilidade acadêmica, um direito alienável. Após três anos de ultraje, o frescor poético dos dias de crepúsculo em que caminhava sem vergonha com o amante pelas praias de Parati, o tempo em que a saúde lhe favorecia e as poucas rugas eram-lhe sinônimo de charme, tudo isso havia acabado. Entrementes, Estela considera a vantagem de poder escrever tudo o que havia decorado previamente, sobretudo a vantagem de poder pensar no que quer escrever, já que conversar feito adulto com quem ainda nem tem idade para o diploma universitário – lugar inalcançável para o michê –, é sempre incompatível com a necessidade de dialogar nos mesmos domínios linguísticos do rapaz. Por vezes, a professora sente-se impossibilitada de ser racional, atitude tão cara à vida de mulher que se biparte para viver o que em determinado momento julga o melhor, prometendo a si mesma que só acontecerá dessa vez, não obstante o par razão e emoção ser tão vulgarizado em nossa história, ela há de saber isso.

O teclado está mais familiar, apesar de a tecla de espaço travar a ponto de deixar a escrita de Estela todacontínua. A irritação da mulher se torna mais aguda na medida em que ela conserta o texto e vai percebendo que não é daquela maneira que pretendia começar. Ela poderia ser firme e ir logo dizendo: *Nossa história terminou, não me procure mais. Adeus*. Manotop leria o e-mail assim que acordasse do sono da tarde: ele demora a digerir o conteúdo

da mensagem, mas acata a decisão da mulher, ainda que talvez seja educado retribuir com um *de boa, vamos ficar bem*, e continuar o frisson de seus dias sem que isso o afete. Estela sairia do escritório aliviada: ela enfeita sua casa para uma noite especial com a família, anima-se com os empregados, exclui os mimos da segunda relação, decidida a levantar o rosto, fugir das noites de repulsa ao marido e olhar de verdade para os filhos e para o espelho, assim como ela fora há três anos, assim como ela havia se esquecido de como era, assim como quando não precisava escrever uma carta de adeus, porque seu marido estava ali presente, ainda que da mesma maneira que se encontra esta página em branco que Estela, presa em reminiscências, ainda luta para vencer.

Um grito de pânico é ouvido e o quadro de Rembrandt entorta na parede. É o telefone celular que anuncia uma mensagem de texto: *Preciso t ver hj*. Rapidamente, Estela firma os quadris na poltrona e, como se estivesse despertando de uma hipnose aparentemente irreversível, digita palavras com ferocidade homicida, frases curtas que relembram a condição dos dois amantes, coisas que deixaram de dizer um ao outro, outras que disseram sem ser precisadas, segredos, mágoas e porquês, todas as outras coisas em que a fraqueza da mulher adúltera a impede de dizer cara-cara por medo de pedras. Estela ainda se despede de Manotop com o lugar comum de dizer que enquanto durou deu certo, convicta de que não haverá carteiros para perscrutar o conteúdo da carta, e que o e-mail chegará sem a rotina dos selos, da motocicleta e do cão raivoso na espreita. Cega pelo afã de liberdade, atordoada e burra, responde àquela mensagem carinhosa de bom dia enviada pelo marido com as palavras febris dirigidas a Manotop. Escreve no celular uma resposta para o suposto ex-amante com os seguintes dizeres: *Tem e-mail pra vc*. Então ela deixa-se cair na voltaire de Luiza, certa do tédio.

Mais tarde, lida a mensagem enganosa em seu escritório, o marido de Estela entrará pela porta da sala fingindo naturalidade, querendo mostrar-se amável e desinformado até o momento em que ouvir a deixa daquela puta, pois ele não quer se precipitar, porque acredita ser um grande engano que sua mulher em poucas palavras dará por encerrada a questão; Manotop chegará aos tropeços na casa da amante, curioso para saber o conteúdo do e-mail que ele não recebeu e o porquê do sumiço nas últimas semanas – ele está disposto a assumir o relacionamento para toda família e não é do tipo que desmaia com poças de sangue; a

professora estará às gargalhadas com os filhos, contando mais uma vez como conheceu o pai deles no festival de Gramado, depois de preparar um banho a espera do marido e o jantar especial que ela administra pensando estar absolvida de todos os pecados.

A cena final acontecerá quase instantaneamente. O marido entra primeiro, beija a mulher na testa, brinca com Pedro e Luiza. Logo em seguida, a campainha toca, a empregada atende a porta e os olhares das três pessoas da santíssima libertinagem se alternam. A deixa, portanto, não precisa ser dita, a peripécia de Estela estará formada, o que sucede a partir de então testemunhamos todos os dias em todos os lugares, todas as pessoas são protagonistas, todos os textos são repetidos, não será diferente com a professora, o marido e o garoto de programa. Se houver morte, não será novidade, por isso não se faz necessária a nossa presença; deixemos então que eles brancos se entendam nesse futuro que é daqui a pouco, porque neste exato momento, excessivamente reflexiva, estabelecendo metas para uma vida que ela julga digna, Estela se debruça no sofá desejando apenas tomar um banho e comprar ela mesma as flores para o jantar da noite, tentando não transparecer aturdida diante dos empregados, buscando a melhor maneira de chamar os filhos para uma conversa casual, disposta a encontrar-se mais uma vez, reciclar-se pela décima, gastar sem cansaço até a última gota de seus planos débeis, de seu tempo, de sua essência, de sua felicidade.